

# A RENASCENÇA

Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Composição e impressão na

Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

Chefe da Redacção:— Armando S. C. Encarnação

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

## Homenagem da Comissão Municipal de Nampula e do povo ao Bravo do Niassa, Major Neutel de Abreu

Noticiámos no nosso penúltimo número que o sr. Major Neutel Simões de Abreu, tinha recebido o honroso convite para acompanhar o Sr. Presidente da República a Moçambique, convite que tinha declinado por o seu estado de saúde não permitir uma viagem de tal natureza.

Hoje podemos acrescentar que o convite não se limitou a que o sr. Major Neutel Simões de Abreu acompanhasse Sua Ex.ª o Sr. General Carmona; foi muito mais longe.

Quere o Governo da Revolução Nacional testemunhar ao sr. Major Neutel Simões de Abreu, o aprêço em que tem os seus valiosos serviços prestados em Moçambique e para isso vai dar à vila de Nampula o nome do grande herói e inaugurar o seu retrato na Câmara Municipal daquele Concelho.

Pena foi que o sr. Major não pudesse ir assistir a esta consagração dos seus feitos.

Nesta hora, em que se presta justiça a este consagrado militar colonial, nós dedicamos-lhe uma página especial do nosso jornal e ao mesmo tempo transcrevemos do jornal «União», de Lourenço Marques, no seu número 265 de 25 de Março do corrente ano, alguns trechos dos principais discursos que pronunciaram, quando a Câmara Municipal de Nampula resolveu considerar feriado o dia 7 de Fevereiro, dia este do ano de 1907 em que o herói entrou naquela região onde mais tarde criou uma vila com o nome de Nampula e que dentro de breves dias vai ter o nome de «Major Neutel de Abreu».

«Meus senhores:

A Comissão Municipal de Nampula pede desculpa do à pressa com que se levou a efeito esta sessão. Só na passada sexta-feira teve conhecimento de que tinha sido publicada a portaria considerando o dia de hoje feriado para o concelho de Nampula.

Casa em que não há pão, não pode haver festas, e o dia esteve para passar sem mais manifestações do que as repartições fechadas e o hastear da bandeira.

Mas isso seria ter em pouca conta o muito que Nampula deve ao Homem que conseguiu a ocupação definitiva da Macuana, a instalação da Capitania Mor, que se lhe seguiu, a criação de uma Circunscrição primeiro e deste Concelho depois.

E então, sem festas, porque o dinheiro é pouco, resolveu solenizar o dia homenageando o sr. major Neutel de Abreu, amigo dedicado deste Município, que é o Homem a cuja acção militar se deve a criação deste Concelho.

E' ideia desta comissão inaugurar oportunamente o retrato de tão arrojado oficial e festejar condignamente esse dia, quando a situação económica do Município o permita.

Por agora apenas se pôde comemorar o dia em Família, com a ajuda de amigos dedicados. A poucas portas se podia bater, para se pedir a quem viesse discursar nesta sessão; é que contemporâneos de Neutel, muito poucos estão em Nampula e esses seriam os únicos que, sem precisarem de coligir elementos, podiam aqui vir falar da sua grande obra.

Teve de recorrer-se à dedicação de bons amigos deste Município, daqueles que, através de todas as dificuldades, nunca dizem que não. Pediu-se ao sr. Padre Castro e ao sr. Comandante Militar, para nos ajudarem a realizar esta sessão. Ambos dedicados a esta terra, acederam ao pedido: o sr. Padre Castro como amigo velho do homenageado, o Ex.º Sr. Comandante Militar, estou certo, para honrar o seu arrojado e valente precursor.

Incumbiu de falar ao sr. tenente David dos Santos, distinto oficial, muito querido em Nampula, pelos seus camaradas e pelos paisanos. Muito pouco tempo êle teve para coordenar as palavras que vai proferir, mas a sua invulgar inteligência e tenaz força de vontade hão-de suprir, estou certo, as dificuldades que lhe surgiram.

A Comissão Municipal agradece ao Ex.º Sr. Comandante Militar, ao sr. Padre Castro e ao sr. dr. David dos Santos a sua dedicação por Nampula e a todas as pessoas que nos honraram com a sua assistência, a quem peço para me acompanharem num

—Viva o Major Neutel de Abreu!

Seguidamente, falou o sr. tenente dr. David dos Santos, que pro-



Major Neutel de Abreu

feriu a esplêndida oração a Neutel de Abreu.

«Meus senhores:

Que me perdês essa grande figura de Homem, de Militar e de Político que é o major Neutel de Abreu, que se não faça nesta sessão solene, menção condigna e por demais merecida, a seus feitos gloriosos, em terras da Macuana. Que me perdê—repito—e que não desça—daqui lho peço—até o ponto de perguntar a quem caberá a culpa de que camaradas seus e—mais do que camaradas—seus admiradores, não possam firmar com H grande esta justíssima homenagem que nada perderia no seu significado se há mais tempo tivesse sido prestada.

Em verdade, meus senhores, na tragédia dia a dia vivida pelos magníficos pioneiros da ocupação e pacificação do antigo distrito de Moçambique, Neutel de Abreu desempenhou sempre, sempre, um papel de raro relêvo que é um exemplo a seguir, pela tenacidade, pela «garra», digamos, que emprestava a cada acto seu, pelo sangue-frio, pela coragem serena e pela espantosa noção de psicologia dos povos com quem tratava e sobretudo dos seus condutores eventuais ou permanentes. Noção esta tão clara, tão rica de «a propósito», e de sentido das realidades que c levava, agora, a um acto de pura prestidigitação, logo, a tratar com os chefes indígenas como se fora «de potência para potência», aqui a sujeitar-se a um cerimonial primitivo, ainda que o mais contrário a seus costumes, a toda a sua essência, além, a praticar um feito de genuína valentia individual, sem alarde, é certo, mas de forma a crescer, como um Deus, na cerebração primária do indígena.

A personalidade do audaz Comandante dos auxiliares de Massano de Amorim interessa sobretudo, a nós militares, pela maneira como conduzia as operações de que era encarregado, combinando, na justa medida, os factores de que dispunha, a viva força, a paciência, a intriga, a diplomacia, a justiça etc., que fazem da sua acção um tratado aberto. Merecia por isso um estudo especial ainda por fazer, que eu saiba. Dê-se se tirariam os elementos que deveriam ser enumerados hoje, aqui e publicamente, e que interessam à gratidão do país e à mística dos seus heróis, a mais poderosa alavanca, o mais poderoso guia e norte das acções de cada um de nós, agora e sempre.

Ora quando ao Comando Militar foi dado conhecimento do que se projectava fazer em honra de Neutel de Abreu, só faltavam três minutos para a data da homenagem. Se nos lembrarmos agora de que, por virtude da mecânica militar, os respigos de referências pessoais—ainda que pertença dos Maiores—se acoitam longe daqui, não será de inteligência difícil a não menos difícil posição em que ficou colocada a autoridade militar de Nampula...

Eu sei, Ex.º Sr. Presidente e meu prezado Amigo, que a culpa não é de V. Ex.ª e que antes é de louvar a generosa ideia de dar vênere justíssima ao major Neutel de Abreu. Eu sei-o e sabemo-lo todos nós, felizmente. Mas, como base de toda a explicação, não devemos esquecer a tradicional ligeireza e afogadilho com que nós, portugueses, tratamos as coisas mais sérias. Este aparente azedume filiemo, meus senhores, no vincado desejo, no premente interesse que o mais desautorizado oficial da Guarnição tinha, em preferir palavras à altu-

ra da avuitada figura do antigo Capitão-Mor da Macuana.

A' sua impotência essencial e evidente, vem juntar-se assim a impossibilidade de referência que impressione, a correr, nos grandes feitos de Neutel. Eu quero crer, porém, que a reparação surgirá, por força mesmo do caminho iniciado hoje, e então a apagada modéstia do herói há-de no fundo—lá no remanso da sua casa da Metrópole—sentir um certo reconforto.

Meus senhores:

Apesar do que se expõe, forçoso é fazer um esforço no sentido de iluminar uma ou outra acção de Neutel e, como nesta sala muitos dos que me ouvem são profanos da ciência e arte militares, forçoso é ainda diluir, na sumarenta linguagem corrente, descrições técnicas, sempre fechadas e indigestas, por que atulhadas de mapas, de relações e muito mais.

Ora no fundo da nossa maneira de ser existe sempre uma maior ou menor dose de romantismo. Por isso, à volta das figuras mais representativas da nossa História, e, sobretudo, da nossa História Militar Colonial, existe sempre uma vela tênue de fantasia, onde a verdade flutua toda puxada para o lado que mais convém à concepção de quem narra.

A tradição oral, que repousa sempre num facto verdadeiro, arre-bica então este facto, ajeita-o e romantiza-o, nos casos em que a figura o merece e que são todos os que envolvem os verdadeiros heróis. Poder-se-á desconhecer o facto que marca e define o militar de prestígio. Mas o que nunca se apaga da memória de quem ouviu uma história de heróis é o ambiente de conto de fadas em que ela se desenvolve e que por seu turno reage sobre o facto histórico que lhe serviu de base para mais e melhor o fixar. Na tecidura da narração aparece ainda, em cada minúcia, a cota de mérito do herói, revelada nos planos mais ou menos anormais em que a gente simples o coloca. E' o caso presente. E' o caso do major Neutel de Abreu.

Devo à gentileza do sr. Chefe do Pósto de Corrane a feliz oportunidade de encontrar quatro testemunhas vivas da acção do grande Neutel de Abreu: um filho e um sobrinho de Mocapera, um machileiro e um soldado da campanha da Macuana. E para quem foi dado assistir ao ligeiro interrogatório que lhes fiz, ficou exuberantemente demonstrado o poder absoluto, discricionário, assombroso do Mahon sobre os

(Continua na 4.ª página)

# QUADROS

## UMA HISTORIA VULGAR

à M. C.

Lúcia sempre me dera a impressão de qualquer coisa leve e fluidica, como se a sua existência não fosse mais que uma hipótese intangível, tão alta que, muitas vezes eu a perdia de vista... na vida.

A sua figura demarcara-se, porém, no meu espírito, em alto relevo, às vezes impressionante como certas figuras de Rubens, outras parecendo-me apenas o debuxo de um fundo de capela—cabeças de anjo que ficam mal definidas entre nuvens e rosas.

Não sei bem se a amei.

A atracção que ela me despertara tinha qualquer coisa de um fetichismo através da imprecisão das nossas atitudes. Se Deus é apenas a necessidade que nós temos de agradecer a alguém os nossos sucessos e de culpar pelos nossos fracassos, Lúcia era o onte de que eu necessitava para agradecer os poucos minutos em que, a seu lado, eu podia ter na vida uma noção profundamente optimista.

Os nossos longos e adoráveis passeios ficaram gravados na minha memória, como lembrança de certos incidentes gratos dos nossos tempos de criança e que ficam cantando em suave reminiscência durante a vida inteira.

Nem um gesto sequer teria traído, um só momento, os secretos impulsos da nossa vontade. Às vezes chego a acreditar que esses impulsos fossem secretos menos pelo que eles tivessem de pecaminosos do que pelo encanto de só serem secretos.

Quanta coisa pura, entretanto, turbilhonava no meu cérebro! Passeávamos todos os dias através dos campos cheios de sol, onde ela parecia anunciar a primavera, ou através da paisagem quente da cidade, tão distraídos, tão isolados como se ali não existisse uma só pessoa. Às vezes parávamos à beira de um lago qualquer. Ela teria ficado horas debruçada à beira da água, passando a ponta dos dedos finos, na superfície quieta.

Minhas mãos nervosas tinham, então, a volúpia inocente de lhe revolver os cabelos, soltá-los ao vento, tomar entre as mãos a sua cabeça redonda e salpicar-lhe o rosto de beijos, instantes em que a sua boca mal fugia à minha boca, por vezes atrevida e insatisfeita.

Nada mais que isso nesses longos e deliciosos passeios em que eu tinha de Lúcia mais do que nunca e como sempre a impressão de qualquer coisa leve e fluidica, intangível, que não chegara nem mesmo a atingir os últimos recalques dos meus sentidos.

O tempo — «essência do espaço eterno, fio da vida» — passou.

Lúcia ficara na minha vida como a recordação de uns dias de sol de primavera festiva.

Ficara, lá longe, no passado, como a deliciosa lembrança de uma linda cabeça de mulher, — os cabelos que eu atirava com mãos atrevidas ao beijo satírico do vento.

Uma mulher que não chegara a desejar e sobre a qual o tempo havia passado como uma névem que toldasse, na distância, a linha irreal de um horizonte.

Hoje, ainda cedo, aquela mesma figura, apareceu-me como uma visão, na paisagem da cidade, numa rua qualquer.

Uma paragem de electrico. As paragens de electrico possuem, de resto, esse estranho fatalismo magnético que engendra os acasos inevitáveis.

Quantos romances não começam nessas pequenas ilhas humanas plantadas ao torvelinho revoltado do mar encapelado das grandes praças.

Com um impulso irresistível eu tinha-me aproximado e foi quasi sem sentir que me achei junto dela... —Lúcia!

—Eu moro ali — e apontava com mão tardia e quasi indiferente, desviando intencionalmente a pergunta.

—Há quanto tempo!... — murmurava ela de olhos baixos... Realmente, há tanto tempo que aquela rapariga havia ficado para traz, na saudade imprecisa de uma impressão passageira.

Porém, o meu coração tornara-se pequeno, confrangido...

Lúcia mudara muito. Já não possuía aquela louçania de porte ágil e madrugador que tanto vencia o esplendor da sua beleza.

Os olhos brilhavam sim, mas de brilho estranho que só o sofrimento sabe envolver com a maceração irrecusável das olheiras.

A pele já não tinha aquela suave maciez translúcida de procelana. Lúcia era quasi um farrapo daquela que, ancs atrás, punha na minha boca uma volúpia de discretos beijos, inconsequentes.

E eu, que a não desejara, que passara por ela e que suportara apenas as consequências de um mero incidente, achei-me envolvido pela nuvem fugidia de um sentimento novo, diabólico, exquisito.

Todo aquele recalque de animalidades caprichosas se desvanecera. Aquela beleza madura que eu espiritualizara anos antes, pendente de um ramo alto na estrada da vida, aquela beleza fanada que hoje fustigou a minha lembrança, assumiu ante meus olhos um prestígio desconhecido.

A minha mão crispou-se no seu braço.

—Você vai passear um pouco comigo, disse veemente,

—Hoje não. Espere mais uns dias. E, então, sim, respondeu-me ela quasi indiferente.

—O número do meu telefone... Fale-me todos os dias e dar-me-á muito prazer.

O seu carro aproximava-se. Despedi-me dela sem compreender bem o tumulto de ideias que turbavam o meu cérebro.

Um quasi arrependimento tardio pôs um travo de amargura na minha boca.

...E eu bemdisse o tempo que nos faz recordar olhando, sob uma auréola de luz, o seu vulto que o carro distanciava cada vez mais, enquanto eu ficava ali, à beira do passeio, humilde, insignificante.

FERNANDO DINIZ

**GÉLO**  
VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

## Escola Secundária da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos

Foi proposta a exame da 3.ª classe do Ensino Primário a aluna — Maria Engrácia dos Reis, que foi aprovada.

A exame da 4.ª classe do mesmo Ensino foram propostos os seguintes alunos: Fernando Lopes Mendes—aprovado; Maria Engrácia dos Reis, aprovada com distinção; Maria Isolina da Conceição Barreiros, aprovada.

A exame de admissão ao Liceu foram propostos por esta Escola cinco alunos dos quais foram admitidos:

Fernando Lopes Mendes, Maria Engrácia dos Reis, Maria Isolina da C. Barreiros e Vasco Passos da Silva.

Houve uma reprovação.

### CURSO DOS LICÉUS

Transitaram ao 2.º ano deste curso os alunos:

Carlos José da Silva, Emídio Henriques da Silva, Fernando Henriques Pinhão, Jorge Manuel de Paiva Godinho Ferreira, José Henriques Baião, José Nunes Agria, Lívia Rodrigues Baião.

Obtiveram média para transitarem ao 3.º ano: Armindo Paquete Nunes, Almerindo do Carmo David Rei, João Henrique, José Mendes Barreiros, Renato Luiz de Carvalho Azevedo, Ricardina da Assunção António.

Para o 5.º ano transitaram os alunos: Agnelo José Leitão, Elisa Maria Pinto de Leão Temudo Machado, Maria Albertina de Vidigal Amaro, Maria de Lourdes da Conceição Santos, Victor Manuel da Conceição Neves.

Para o 6.º ano passou também por média o aluno Vergílio Henriques da Costa.

Fizeram exame do 3.º ano (1.º ciclo do curso dos Liceus) no Liceu de D. João III, em Coimbra: Manuel de Jesus Monteiro Agria que foi aprovado em Francês com 12 valores, em Matemática com 11 e Desenho com 10; Serafim Fernandes das Neves aprovado com 14 v. em Português, com 17 v. em Francês, com 16 em Ciências, com 19 em Matemática.

Fizeram exame do 6.º ano (2.º ciclo): Eduardo L. Paquete Nunes que ficou aprovado em Português e Latim com 12 v., em História com 10; João Dias Graça aprovado em Português e Latim com 12 v., Inglês com 13 v., em História com 14 v., em Ciências com 12 v., em Matemática com 10 v., Média final 12; Manuel da Graça Carvalho foi aprovado em Português e Latim com 15 v., em Inglês com 11 v., História com 11 v. e Maria Amália da Conceição Neves aprovada em História com 14 v., Ciências 14 v., Matemática 14 v. Média final 14 valores.

Houve 2 reprovações.

Os alunos do sexo masculino ou feminino, que pela primeira vez venham frequentar esta Escola devem efectuar a sua inscrição do dia 3 ao dia 8 de Outubro, apresentando-se ao director, que, nesses dias, desde as 9 horas às 12 e das 14 às 17 horas, os receberá e lhes dirá o que têm de fazer.

No próximo ano lectivo as aulas deste estabelecimento de ensino, começarão a funcionar no dia 9 de Outubro às 8 horas prefixas; mas os alunos devem comparecer na sede da Escola Secundária, no dia 7 do referido

Tornando-se necessário para a boa aplicação das disposições legais e regulamentos sobre plantio da vinha definir o sentido de alguns termos adoptados na referida legislação: manda o Governo da República Portuguesa, pelos Ministros da Justiça e da Agricultura, adoptar as seguintes definições:

1) Reconstituição.—E' a replantação seguida de bacêlos, feita no mesmo terreno do arranque da vinha a replantar.

Esta pode ser:

Total, quando se faz a replantação de todo o povoamento.

Parcial, quando se faz a replantação de uma parte do povoamento.

A esta operação se refere o n.º 1.º do Art.º 1.º do decreto-lei n.º 27 285, de 24 de Novembro de 1936

2) Transferência.—E' a plantação seguida de bacêlos feita em terreno diferente daquêlê em que se arrancou a vinha.

E' total quando todo o povoamento é transferido.

E' parcial quando só uma parte do povoamento é transferido.

A esta operação se refere o n.º 2.º do Art.º 1.º do decreto-lei n.º 27 285, de 24 de Novembro de 1936.

3) Retanção.—E' o trabalho que se executa numa vinha em formação nos dois anos seguintes ao da plantação, para preencher as falhas de bacêlos, enxertados ou não, que dentro daquêlê período não vingaram por qualquer motivo..

A esta operação se refere o § 1.º do Art.º 3.º do decreto n.º 25 270, de 18 de Abril de 1935.

4.) Substituição de cepas mortas ou doentes.—E' a plantação nas falhas que normal ou acidentalmente se faz entre o povoamento de uma vinha em exploração.

A esta operação se refere o § 1.º do Art.º 3.º do decreto n.º 25.270, de 18 de Abril de 1935.

### Festejos em Abiul

Terão lugar hoje e amanhã na vila de Abiul as tradicionais e antiquíssimas Festas do Bodo.

Como nos anos anteriores é de prever uma farta concorrência a tais festejos em virtude do seu costumado brilhantismo.

As comissões são incansáveis na promoção de solenidades religiosas e festas cívicas.

Haverá duas grandiosas corridas de touros em que se lidarão por artistas de renome dois esplêndidos curros de afamada ganaderia.

Serão portanto duas belas tardes para os aficionados, à parte as outras atracções das Festas do Bodo.

mês para tomarem nota do seu horário pela ordem seguinte:

Os alunos do 1.º ano às 14 horas; os do 2.º às 15 horas; os do 3.º e 4.º às 15 e 30 minutos; os do 5.º e 6.º às 16.

Devem apresentar-se todos os professores na sede desta Escola no dia 7 do referido mês de Outubro, às 8 horas em ponto a fim de tomarem conta do serviço escolar que lhes fôr distribuído e colaborarem na confecção do horário, se preciso fôr.

Figueiró dos Vinhos, 2 de Agosto de 1939.

O Director  
Sérgio dos Reis

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

## Presidência do Conselho Instituto Nacional do Trabalho e Previdência Social

Delegação em Leiria

### Nota officiosa

Para conhecimento dos interessados e para que não seja alegada ignorância sobre as disposições constantes do Contracto colectivo do Trabalho celebrado entre o G. I. T. A. e o Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Leiria sobre a matéria de férias remuneradas a conceder a todo o pessoal motorista ao serviço das entidades patronais que, neste distrito, exploram a indústria de transportes em automóveis de aluguer, ligeiros ou pesados bem como as carreiras de serviço público, a Delegação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência faz público o seguinte:

Cláusula 24.º — Todos os motoristas terão direito a um período de férias, com remuneração, não inferior a 5 ou 10 dias em cada ano civil, conforme tenham mais de um ou três anos de bom e efectivo serviço.

§ 1.º — Estas férias serão concedidas e gozadas de acôrdo entre as partes contratantes.

§ 2.º — O motorista no gozo de férias não poderá exercer a sua actividade profissional ao serviço de qualquer entidade patronal.

§ 3.º — Metade das férias fixadas nesta cláusula serão gozadas em dias seguidos.

§ 4.º — As férias fixadas nesta cláusula não prejudicam outras maiores, estabelecidas por convenção expressa ou adoptadas por certas entidades patronais de harmonia com os usos e costumes.

§ 5.º — E' proibida a substituição das férias por pagamento de qualquer quantia ou pela concessão de qualquer vantagem material, não podendo o motorista renunciar em caso algum ao direito de as gozar.

§ 6.º — As entidades patronais participarão ao I. N. T. P. com antecipação de 10 dias, a data em que cada motorista iniciará as férias estabelecidas nesta cláusula.

§ 7.º — A entidade patronal que por qualquer forma infringir o disposto nesta cláusula e seus parágrafos, pagará ao motorista prejudicado o triplo dos salários correspondentes ao período de férias a que tenham direito, sem prejuizo da multa em que incorrer.

Nestes termos, devem as entidades patronais, inscritas obrigatoriamente no G. I. T. A. começar a conceder o período de férias remuneradas aos motoristas seus assalariados referente ao corrente ano civil, comunicando a esta Delegação com a antecipação de dez dias a data em que cada motorista inicia o gozo de férias a que tem direito.

Fim do presente ano civil serão applicadas as sanções previstas na lei a todas as entidades patronais que não tenham cumprido com qualquer das obrigações enumeradas.

A Bem da Nação

Leiria, 1 de Agosto de 1939.—  
Ano XIV da R. N.

O Delegado,

A. Igrejas Bastos

### Precisa-se

Casa mobilada com 5 divisões para Agosto e Setembro. Quem pretender alugar dirija-se à Câmara Municipal.

Ministério do Comércio e Indústria

**Junta Nacional do Vinho**  
**Edital**

Esta Junta faz publico que todos os vinicultores são obrigados a manifestar, até ao dia 5 do próximo mês de Agosto, os vinhos e aguardentes vnicas existentes em adega, indicando as quantidades vendidas ou por vender (ainda mesmo que se encontrem financiadas por esta Junta).

As declarações poderão ser feitas em papel vulgar, devendo mencionar:

- 1—O nome do produtor;
- 2—A Freguesia e o Concelho a que pertence;
- 3—O local de armazenagem dos produtos manifestados;
- 4—As quantidades vendidas (mas ainda existentes em adega) e por vender de:

- Vinhos Brancos
- Vinhos Tintos
- Vinhos de Queima
- Aguardentes vnicas (de 76° a 78°);

e serão remetidas, devidamente assinadas, às Delegações desta Junta, até àquela data.

E' da máxima conveniência que todos os vinicultores manifestem com verdade, visto que da inexactidão das informações sómente lhes poderão advir prejuizos.

Lisboa, 18 de Julho de 1939;

Junta Nacional do Vinho  
O Presidente,  
a) José Penha Garcia

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS  
(1.ª Publicação)

No dia oito de Outubro próximo futuro, pelas doze horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito ao Convento do Carmo, desta vila, vai à segunda praça para ser arrematado por metade do seu valor o movel abaixo designado, penhorado nos autos de carta precatória vinda da comarca da Louzã e extraída dos autos de execução de sentença que Maria da Luz, viuva, de Castanheira de Pera, move a Cezar de Almeida e Silva, da mesma vila: Um motor marca "Reu" com dinamo, motor de arranque, caixa de velocidades, e também com distribuidor; este incompleto bem como parte do carburador, tudo pegado ao mesmo motor o qual na parte superior do bloco tem a seguinte marca: I S A—55 C. W. C.

**P F A F F**

A rainha das Máquinas de Costura, a melhor e mais silenciosa de todas que se vende em todo o mundo.

Cose, borda, faz ponto zig-zag, caseia e prega botões.

Vende-se a pronto e a prestações em **Figueiró dos Vinhos**, no estabelecimento de

Irolinda Nunes Curado

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS  
1.ª Praça  
(1.ª Publicação)

Faz-se saber que no próximo dia 8 de Outubro, pelas doze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito ao Convento do Carmo, desta vila, vão à primeira praça para serem arrematados, por qualquer preço oferecido, alem do abaixo indicado, os prédios a seguir discriminados, perhorados nos autos de execução por custas e selos que o digno Agente do Ministério Público, da comarca de Mangualde, move contra Manuel Henriques Pereira e mulher Guilhermina Lopes Henriques, do Fontão Fundeiro, desta comarca, e constantes duma deprecada vinda daquela comarca e extraída do referido processo de execução:

**PREDIOS**

1. Um talho de terra de secca com oliveiras sita à Cavadinha, limite do Fontão Fundeiro, freguesia de Campelo. Vai à praça no valor de 400\$00
2. Um talho de terra de secca com oliveiras sita ao Alqueve, limite do Fontão Fundeiro, freguesia de Campelo. Vai à praça no valor de 250\$00
3. Uma terra de secca sita à Varzea, limite do Fontão Fundeiro, freguesia de Campelo. Vai à praça no valor de 450\$00

Pelo presente são citados quaisquer crédores incertos. Figueiró dos Vinhos 29 de Julho de 1939.  
O chefe da 2.ª secção  
Joaquim José da Conceição Júnior  
Verifiquei a exactidão  
O Juiz de direito  
Themudo Machado  
Jornal "A Regeneração"—n.º 486 de 5 de Agosto de 1939

**Abilio da Conceição Rodrigues**  
Advogado

Castanheira de Pera

Em PEDRÓGÃO GRANDE: tódas as segundas-feiras até ao meio dia

Vai à praça no valor de duzentose cinquenta escudos, 250\$00  
Pelo presente são citados quaisquer crédores incertos. Figueiró dos Vinhos aos vinte e quatro de Julho de 1939.

O chefe da 1.ª secção  
Jaime Ribeiro Sucena  
Verifiquei a exactidão  
O Juiz de direito  
Themudo Machado  
Jornal "A Regeneração"—n.º 486 de 5 de Agosto de 1939

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS  
Editos de 30 dias  
2.ª publicação

Por este juizo e sua primeira secção correm éditos de trinta dias intimando José Augusto, residente em Lisboa, com morada desconhecida, para no praso de dez dias a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio, alegar o que entender por conviente sobre o exercéicio do poder paternal a respeito da menor sua filha Dozilia Rosa Augusto, oferecer documentos, juntar rol de testemunhas e requerer quaisquer diligências, nos autos de regularização de poder paternal, referente à acção de divorcio em que é autora Maria Rosa, da Agria Grande e ele Reu. Figueiró dos Vinhos, aos sete de Julho de 1939.

O chefe da 1.ª secção  
Jaime Ribeiro Sucena  
Verifiquei a exactidão  
O Juiz de direito  
Themudo Machado  
Jornal "A Regeneração"—n.º 486 de 5 de Agosto de 1939

**Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa**

SEDE — LISBOA

**Filiais**—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.  
**Agências**—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

**CONSULTORIO DENTARIO**

**A. MARTINS NUNES**  
DOENÇAS DA BOCA E DENTES :: DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA**  
**Figueiró dos Vinhos**  
Fechado temporariamente

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

**ATENÇÃO**

Trespasa-se o estabelecimento, arrenda-se a casa de habitação e vende-se o prédio sito ao Barreiro, de Joaquim da Silva, na rua Dr. José Martinho Simões—Figueiró dos Vinhos, pelo motivo do seu proprietário resolver tratar de outro negócio. Quem pretender dirija-se ao mesmo.

**Tudo a preços das fabricas**

Sempre novidades, tanto em artigos de inverno como para verão, e aonde os Ex.ªs fregueses encontram sempre a ultima moda em todos os artigos.

Calçado para homem e senhora. Quem quer pôr um bom chale de merino e de lã dos Pirineus, deve-o comprar no Gustavo Coelho Godet.

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS  
(1.ª Publicação)

No dia oito de Outubro próximo futuro por doze horas à porta do Tribunal Judicial desta comarca sita ao Convento do Carmo desta vila, vai à segunda praça para ser arrematado por qualquer preço oferecido além do indicado o direito e acção à quinta parte da herança indivisa dos seguintes prédios: Uma casa de habitação com seus logradouros sito ao Porto do Carro; Um prédio de rega com videiras no sitio do Porto do Carro; Umas casas, terreno de rega, pinheiros e mato às Brazinas; Testada de mato às Costinhas; Uma sorte de mato e pinheiros sita à Sobreira limite do Carregal Cimeiro; Uma sorte de mato sita à Trapa, todos os prédios são situados nos limites de Carregal Cimeiro. Herança indivisa esta que vai à praça no valor de setecentos vinte e cinco escudos 725\$00

Herança indivisa esta penhorada nos autos de execução de

Perfumes Naly e Taipas

Figueiró dos Vinhos

**Vendem-se** Casa de habitação, bem conservada, e quintal.

Quem pretender dirija-se a Horácio de Sousa — Figueiró dos Vinhos.

sentença que Manuel Martins, casado, do Carregal Cimeiro move a Albano da Silva e Maria Augusta Alves e marido do mesmo logar.

Para a praça são citados quaisquer crédores incertos.

Figueiró dos Vinhos, trinta e um de Julho de 1939.

O Chefe da 1.ª Secção  
Jaime Ribeiro Sucena

Virifiquei a exactidão

O Juiz de Direito  
Themudo Machado

Jornal "A Regeneração"—N.º 486 de 5 de Agosto de 1939

**Nova Carreira de Camionetes**

ENTRE

**Cabaços e Coimbra**

**Diária** (Excepto aos Domingos, dia de Natal, Ano Novo e Terça-feira de Carnaval)

Inaugurada no dia 4 de Outubro de 1937

**Horário e itinerário**

CABAÇOS	(partida)	6.45	COIMBRA	(Partida)	16.35
Vila Nova	"	6.53	Pereiros	"	16.40
Alvaiázere	"	7.00	Portela do Gato	"	16.50
Barqueiro	"	7.20	Chão de Lamas	"	17.10
Vendas de Maria (Ramal para Maças de D. Maria)	"	7.30	Podentes	"	17.20
Chão de Couce	"	7.40	Boiça	"	17.25
Pontão	"	8.00	Ponte do Espinhal	"	17.30
Tojeira	"	8.03	Venda das Figueiras	"	17.50
Venda das Figueiras	"	8.10	Tojeira	"	17.57
Ponte do Espinhal	"	8.10	Pontão	"	18.10
Boiça	"	8.30	Chão de Couce	"	18.20
Podentes	"	8.40	Vendas de Maria (Ramal para Maças de D. Maria)	"	18.30
Chão de Lamas	"	8.50	Barqueiro	"	18.40
Portela do Gato	"	9.10	Alvaiázere	"	19.05
Pereiros	"	9.15	Vila Nova	"	19.12
COIMBRA	(chegada)	9.30	CABAÇOS	(chegada)	19.20

**P. S. -** Desde 16 de Maio a 30 de Setembro, sai a carreira de Coimbra, meia hora mais tarde: Esta carreira recebe pela manhã, no Pontão, passageiros que se destinem a Coimbra, vindos de Castanheira de Pera, Pedrogam Grande e Figueiró dos Vinhos, nas carreiras que se destinam a Lisboa

Paragem em Coimbra, na Auto-Garage, (junto à Estação Nova do C. de Ferro) — Telefone 701

Os Proprietários, 24-23

**A. J. ALVES & C.ª**  
**Maças de D. Maria**

**FARMÁCIA CORRÊA**

Especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras. Aguas minero medicinais.

Esterelisação de pensos, empolas e sóros

Produtos especialisados:

Elixir de nucleina composto, Vermifugo e Pomada de salicilato composta

Largo da Praça

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O nosso Concurso

AGUA MOLE

Os animais

Finalmente. E' hoje que começa o nosso concurso. E, devido ao espaço que é pouco, entramos sem mais preâmbulos nas explicações necessárias.

Os concursos são mensais, por séries de 2 números. Num número publicamos 3 quadras alusivas a outros tantos estabelecimentos comerciais da vila. No outro gralharemos, isto é, erraremos propositalmente diversas palavras de 3 anuncios de casas comerciais também da vila.

Os concorrentes não têm mais que recortar as quadras, colá-las em folhas que a «Regeneração» tem à venda expressamente para esse fim ao preço de \$50 e escrever por baixo de cada quadra o nome ou a firma comercial do estabelecimento, empreza etc a que a mesma diz respeito.

Para os anuncios segue-se idêntico critério. Recortam-se os anuncios em que veem as palavras gralhadas, colam-se na folha e por baixo de cada anúncio escrevem-se correctamente os termos que tenham saído errados. E' conveniente, para maior facilidade, sublinhar no próprio anúncio as palavras gralhadas, a lápis vermelho ou azul ou ainda a tinta.

Feito isto as folhas são entregues ou enviadas à nossa redacção ou nos estabelecimentos que designaremos no próximo número, e depois de feita a classificação cada um dos concorrentes que tiver acertado com todas as soluções receberá uma senha numerada que o habilitará ao sorteio, o qual se realizará nos 15 dias immediatos à publicação do 2º número de cada série.

Assim, no próximo número que sai no dia 19 do corrente, virão insertos os 3 anuncios com as palavras gralhadas. Os concorrentes terão 8 dias para entregar ou enviar pelo correio as folhas devidamente assinadas.

Exemplifiquemos com o concurso deste mês:

Publicação das quadras (hoje) dia 5  
Idem dos anuncios » 19  
Praso para entrega das folhas — até o dia 27.

Data do sorteio 3 de Setembro  
Os prémios para o concurso deste mês são os seguintes:

- 1.º Prémio—Um corte de fato no valor de 180\$00, oferta da Sociedade de Lanifícios, L.da com sede nesta vila.
- 2.º Prémio—Um corte de vestido de seda para senhora no valor de 40\$00, oferta do sr. Anselmo Alves Tomaz Agria.
- 3.º Prémio—6 garrafas de vinho «Moscatel das Lameiras» no valor de 30\$00, oferta do sr. Manuel dos Santos Abreu.
- 4.º Prémio—Um galheteiro no valor de 25\$00, oferta do sr. António Alves Tomaz Agria.
- 5.º Prémio—Uma ceia no Café Cardoso no valor de 20\$00, oferta do seu proprietário sr. Manuel Carlos Cardoso Furtado.
- 6.º Prémio—Um frasco de loção e um boião de brilhantina no valor de 15\$, oferta do sr. Victor do Carmo Correia com estabelecimento de barbearia nesta vila.

Para os concorrentes que não sejam ou não estejam no conce-

Um orador estrangeiro dirigindo-se aos seus ouvintes, diz: «Agradecemos o poder que nos é conferido sobre os animais, não nos mostrando crueis com eles, e muito menos a respeito dos que tanto ajudam o homem nos seus labores».

E' uma bela invocação aos sentimentos dos que não apreciam os animais, evidentemente, mas de poucos efeitos práticos, porque muitos homens de condição social idêntica aos que a fazem, são os primeiros a faltar à rigorosa observância dela.

Diz-se a um condutor: Agradece a Deus o poder que te conferiu sobre o teu animal, e não te mostres cruel com ele. O homem fica a meditar na exortação, que acha acertada, quando sucede ver outros *finos*, como aquele que o exortou, de espingarda em punho a chacinhar pombos num stand, cercado por mulheres igualmente *finas* que o aplaudem e o premeiam, se é que o não sobrem de flores!

Muito naturalmente esse rústico fica indignado pela mystificação de que se julga objecto, e dirá: Entã aqueles, que teem mais poder ainda sobre os animais, não são obrigados a exaltar Deus, e podem impunemente, e até com louvor, ser crueis com os pombos que—não menos que o meu cavallo—podem ajudar e teem realmente ajudado imeaso os homens em seu labor?

Para um conselho ter validade é preciso que tenham autoridade para o dar todos quantos pertencem ás classes sociais de onde ele parte.

De que pode servir pôr-me a prégar contra o alcool aos frequentadores das tabernas emquanto os meus iguais perdem o seu tempo nos cafés luxuosos a ingerir bebidas não menos alcoolicas que o vinho servido naquelas mesmas tabernas?

Luiz Leitão

Iho facilitaremos a sua inscrição classificando-os independentemente de adivinharem a que estabelecimentos dizem respeito as quadras, visto que não sendo de cá ou não estando cá difficilmente poderiam solucionar a questão. Para estes é simplesmente obrigatório solucionarem a parte concernente aos anuncios, devendo no entanto recortar as quadras e colá-las nas respectivas folhas.

As folhas editadas pelo nosso jornal podem ser pedidas para a redacção enviando o dinheiro em selos do correio.

O nosso jornal vende-se avulso durante o tempo que durarem os concursos nos seguintes estabelecimentos, desta vila, ao preço de \$40 cada numero:

Barbearia — Victor do Carmo Correia.  
Armazém — José Pedro dos Santos.

No próximo número daremos mais detalhes.

Homenagem da Comissão Municipal de Nampula e do povo ao Bravo do Niassa, Major Neutel de Aoren

(Continuação da 1.ª página)

povos da região de Mocapera. Para tanto bastou a mimica expressiva dos indigenas, tam rica de gestos, tam significativa, tam convincente, quando se formularam perguntas essenciais.

O velho soldado indigena de Neutel, Mecamatero, de nome, do coração do regulado de Mocapera, é de todos o que melhor conta, procurando reproduzir os gestos e as palavras de Neutel, do Mahon, como é conhecido. Diz él: que extraordinário homem será este—preguntavam as gentes—que domina todos os perigos, que despanda uma actividade permanente, febril que não dorme, que come a andar, a quem até o próprio leão respeita e obedece, que premeia e castiga nos moldes mais castigos da justiça indigena, que nos combates é sempre o primeiro, o da frente, e de quem as balas se desviam por seu simples mandado.

Que extraordinário homem será este?—preguntavam. E o raciocinio elementar do indigena foi, assim, natural e progressivamente, levado a divinizar Neutel — o Mahon — o Deus.

Neutel, hábilmente, uma vez conhecido do nome que lhe tinham pôsto e do estado de espirito dos indigenas, logo aproveitou a oportunidade para melhor firmar a sua posição. No fim do serviço, ou dos combates, e se estava bem disposto, reunia a sua gente, dava-lhe cigarros e falava-lhes assim:—Bim, eu sou o Mahon. Ora ao Mahon ninguém pode resistir. Ninguém pode brincar comigo, senão o castigo será immediato.

O castigo, em coisas sérias, era conhecido...

Em certa altura, numa visita ao seu grande amigo Mocapera, observou que todos os indigenas tinham machambas de milho fino, em perfeita igualdade com aquele. Neutel não gostou e disse ao Mocapera: só tu é que deves comer milho fino. O resto da tua gente come mandioca, pois tu és muito mais do que os outros.

Assim fez o Mocapera. E este facto banal, banalissimo mesmo, gravou-se para sempre na memória dos indigenas como simbolo da autoridade que deve rodear todos os chefes.

Mecamatero conta agora conhecidas histórias da vida de Neutel. Refere-se à mistura do seu sangue com o do Mocapera, cerimonia que os tornou irmãos, e ao encontro dele com o leão, quando Neutel viajava de machila. No seu dizer, dum e doutro facto foi testemunha ocular, mas dá, do último, uma versão um pouco diferente da que é geralmente conhecida e que já mostra também infiltração progressiva de fantasia. Diz él que, como Mocapera era irmão de sangue do Mahon, tinha que lhe ensinar todos os feitiços que havia. Por isso disse ao Mahon o feitiço especial para o leão. Uma vez feito este, o Mahon descia da machila, punha todos os machileiros em fila indiana atrás de si e dizia para o leão:

— Eu sou o Mahon, quero passar e por isso afasta-te para o mato.

E o leão, dócilmente, assim fazia...

Quando perguntei ao Mecamatero se as gentes tinham medo de

Quadras do nosso Concurso

A que estabelecimentos dizem respeito?

1  
Fica ao ou fica no Rêgo  
Eis questão a derimir;  
Vende miudezas, não nego,  
A preços de competir.

2  
Sócios são três e irmãos.  
Rua com nome de um dêles.  
Fazendas e *caminhões*,  
Tudo do bom nada reles...

3  
Quem será êle?... Quem é?...  
Vende tudo quási dado...  
E' o .....  
Mesmo em frente do Furtado.

(1) Talvez entre os mais elevados...

(2) Pode ser que haja um pouquinho de exagero com respeito aos *caminhões*... Mas a necessidade da rima obriga a muito... até a isto!

(3) Haverá quem acredite?...

As Festas de Beneficência

Como noticiámos no nosso numero passado, realizaram-se nos dias da feira de S. Pataleão, as festas em beneficio da Misericórdia e do Académico Sporting local.

Talvez devido á falta de dinheiro, de que toda a gente se queixa, nem a feira teve grandes transacções nem as festas tiveram a concorrência que se esperava, atendendo ao fim a que se destinavam.

Até agora não se sabe ainda o montante do seu produto, visto que só amanhã terminará o leilão das prendas oferecidas.

Daremos depois a noticia.

Neutel quando este se zangava, o gesto do velho e del soldado, correspondendo á afirmativa, foi indefinível. Não há palavras que possam descrever a impressã, de terror que o referido gesto encerrava.

Por último contou-me uma história da guerra de Neutel com os macondes. No ardor do combate, Neutel, que, como sempre, estava na frente dos seus soldados, puxa repentinamente do seu cavallo marinho e afasta de si, á chicotada, todas as balas que lhe eram dirigidas.

Vão lá agora, meus senhores, convencê-lo do contrario...

Este illustre orador depois de se ter referido a vários documentos officiais honrosos, homenageando o Ex.º Sr. Major Neutel, terminou assim:

«Este homem, o sr. Major Neutel de Abreu, que garantiu a Portugal a posse efectiva de milhares de quilómetros quadrados, que prestou ao seu País inestimáveis serviços, supponho que anda, lá pelas bandas de Lisboa, confundindo-se com bastantes zeros na valorização nacional.

Qual não será a sua amargura, ao recalcular o balanço de suas contas com o País, sobretudo se se lembrar de que noutros serviços, que nem de longe se podem comparar aos seus, são premiados com honras e recompensas materiais que collocam os seus autores em casas de cristal, para exemplo dos outros?»

Nações irmãs: Portugal e Brasil

O Brasil não representa apenas um testemunho glorioso da nossa acção colonizadora: é, também, na expressão justa do sr General Carmona, incluída num dos discursos proferidos há dias em Cabo Verde, o país onde se mantém forte, jovem e intacta a maior reserva do occidente.

Sob este aspecto, verifica-se desde já a primeira grande causa da afinidade luso brasileira, visto que Portugal defende hoje a Civilização Occidental com esforço idêntico ao que desenvolveu outrora na sua difusão pelo mundo.

Outro género de relações nos prendem ainda ao Brasil e que são de natureza económica. Por um lado a grande corrente emigratória que para lá se dirige, e por outro certos hábitos nossos que se encontram na população brasileira — tornam a grande nação Sul-Americana um dos campos de actividade dos nossos trabalhadores e um dos bons mercados da produção nacional. E' um problema capital de economia portuguesa, de influencia considerável na nossa balança económica.

Mas existem outras causas de aproximação. O Império Português possui posições estratégicas de valor excepcional para a segurança das rotas atlânticas. Aliados do Brasil e com Angola, nenhuma força poderá anular essas posições.

Eis as razões que explicam a orientação actual de Portugal e Brasil.

Os dirigentes brasileiros e portugueses têm empenhado esforços sinceros no sentido de progressivo estreitamento de relações e de mútua compreensão da fraternidade de sangue e de espirito que une os dois países. E' de há pouco o diploma legislativo do Presidente Getúlio Vargas abrindo de par em par as portas do Brasil á gente de Portugal; e por seu turno, de há pouco é também o discurso de Salazar proclamando, como uma das constantes da nossa política externa, a amizade com o Brasil.

Tudo isto vem a propósito da visita do Chefe da Nação Brasileira a Portugal, em 1940, que, consagrando a política de estreitamento de relações, representa mais um acontecimento notável na vida do Estado Novo.

S.

Exames de ensino primário elementar e do 2.º grau

Por não haver espaço neste numero, publicar-se-á o seu resultado no numero immediato do nosso jornal.